



A função do pensar do analista no processo analítico: considerações técnicas sobre a escuta, a compreensão e a interpretação em análise*

*Luiz Carlos Mabilde***, Porto Alegre

Neste trabalho, o autor discute escuta analítica como uma função do pensar do analista. Na realidade, o autor procura apresentar o seu modo de escutar psicanaliticamente e, a partir dele, como organiza e interpreta o material do paciente dentro do processo analítico. Para esse fim, após apresentar as origens teóricas, a quem elas se referem e como tais elementos organizam seu conceito de relação de objeto, vale-se de um diagrama e de material clínico para demonstrar a referida técnica, na qual, entre outros detalhes, a identificação das relações de objeto, presentes a cada momento da transferência, assumem predicados operativos. Trata-se de um trabalho basicamente sobre técnica psicanalítica, no qual conceitos e fundamentações teóricas, princípios da teoria da técnica, de escolas psicanalíticas distintas, são apenas citados, já que são do domínio do leitor ou não pertencem aos objetivos do trabalho.

Descritores: Processo analítico. Técnica analítica. Clínica analítica.

* Versão revisada, modificada e ampliada de trabalho apresentado no XXIII Congresso Latino-americano de Psicanálise. Gramado-RS Setembro de 2000.

** Psicanalista Didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.



Introdução

O tratamento analítico possui o objetivo terapêutico de encontrar melhores soluções para os conflitos neuróticos do paciente, os quais se manifestam sob a forma dos conhecidos sintomas neuróticos (egodistônicos) ou dos padrões alterados de comportamento (egossintônicos).

Freud (1895A, 1914, 1923) elaborou três sucessivas teorias sobre o conflito neurótico. Nos *Estudos sobre a Histeria*, Freud (1895^A) conclui que eram os traumas externos os causadores dos conflitos neuróticos. Já em *Recordar, Repetir, Elaborar*, Freud (1914) elege a repressão dos desejos como o elemento mais importante na criação e manutenção do conflito neurótico. E, finalmente, no *Ego e o Id*, Freud (1923) combina as duas teorias anteriores entre si e agrega a isso uma definição mais adequada dos mecanismos de defesa do ego e, deste modo, chega a uma teoria que até hoje norteia o analista em seu trabalho terapêutico.

Além disso, para se alcançar os objetivos do tratamento, três medidas técnicas são implantadas desde o início deste encontro entre duas pessoas até então desconhecidas ou de pouco contato.

Primeiro: tal encontro se transforma na chamada relação analítica, a qual define os papéis específicos de analista e paciente, configurando assim uma mudança significativa na situação vivida pelos dois até aqui, estabelecendo a denominada situação analítica.

Segundo: o lugar onde o duo terá seus encontros recebe regras provenientes de um contrato de trabalho e de detalhes singulares, tais como o uso do divã e o tempo limitado dos tradicionais cinquenta minutos para cada sessão analítica. Tal conjunto de coisas configura o assim chamado *setting* (ou enquadre) analítico.

Terceiro: tudo o que ocorrer, daí em diante, de acordo com essas circunstâncias, qual seja o desenvolvimento da relação analítica através do tempo, recebe a designação de processo analítico, o qual – como se pode deduzir – passa a ser o centro nervoso e de todo o interesse técnico da análise.

Na medida em que o analista pensa a partir de uma teoria e a aplica tecnicamente sobre o que diz ou faz o paciente na sessão, nada mais é considerado fortuito, mas sim determinado inconscientemente, revivido no momento e factível de compreensão e interpretação à luz de conflitos reprimidos, tal como ocorre nos sonhos, os quais, uma vez decifrados, dão lugar a complexos ideativos organizados ao invés de desconexos. Visto desta forma, o pensar do analista não é o pensar comum, mas sim tecnicamente constituído, a razão de ser do processo e da própria análise. Verdadeiramente, o analista não pensa somente quando atua e atua por



não poder pensar, em razão das falhas de seu próprio tratamento pessoal ou personalidade.

Neste trabalho, meu objetivo – uma vez configurados a base teórica, a quem ela se refere e qual o conceito de relação de objeto utilizada – é apresentar minha forma de pensar o processo analítico como um todo. Considero, portanto, a escuta analítica uma estrutura do pensar do analista, a qual abriga elementos da técnica analítica que me são cruciais para decodificá-la. Uma síntese disso será apresentada em um diagrama que ilustrará graficamente o que foi concebido apenas ao nível do processo de pensar do analista e de compreender o paciente em suas comunicações. Finalmente, o trabalho trata de exemplificar essa forma de pensar o processo analítico através de extratos clínicos de três sessões analíticas.

Pensar: uma função privilegiada do ego

A atribuição essencial do ego é qualificar o sistema primário de excitação-resposta, interpondo sua ingerência entre o pólo perceptivo e motor, de tal maneira que a magnitude do sistema se amplie através de aquisições, alternativas e aperfeiçoamentos.

O ego é uma organização cuja presença dificulta a passagem de quantidades de energia, as quais, em sua primeira passagem, foram acompanhadas de satisfação ou dor. Ainda que esse ego, forçosamente, deva tender a livrar-se de suas catexias pelo método de satisfação, isso não pode ocorrer de nenhuma maneira isolada, salvo determinando a repetição das experiências de dor, afetos ou de inibição (Freud, 1895).

Comprova-se assim que o pensamento se vale, por um lado, da atenção que registra o estímulo perceptivo e, por outro lado, dos traços de memória relativos a experiências ocorridas, com o objetivo de estabelecer um juízo capaz de mostrar que tipo de resultado o sistema pode esperar ante aquele estímulo.

Como se pode constatar, o ego é uma estrutura basicamente adaptativa, que se desenvolve a partir do amadurecimento da matriz biológica e da sua inter-relação com o meio ambiente. Entre suas diversas funções, o ego conta com o pensamento como seu principal articulador e promotor, tanto da adaptação autoplástica como da adaptação aloplástica. No caso da análise, tal conclusão vale para o paciente e para o analista, residindo a diferença entre ambos que aquele tem suas funções perturbadas, enquanto este último as tem habilitadas por sua teoria e técnica.

A inclusão do ego e do ato de pensar no sistema psíquico traz a estupenda



vantagem, para a análise, da antecipação da satisfação em termos de sua experimentação, além da vantagem de um pequeno consumo de energia, uma vez que se trata de algo puramente ideativo. É como se um general modificasse pequenas figuras sobre um mapa (e assim testasse determinado resultado) antes de colocar em movimento suas tropas (Freud, 1933). No caso de um impulso suspeito, o ego antecipa a reprodução dos sentimentos de desprazer no começo da situação de perigo. Assim, o automatismo do princípio do prazer/desprazer é posto em ação e executa a repressão do impulso.

O ego assume a tarefa de representar o id ante o mundo externo. Ao cumprir essa função, o ego deve observar o mundo externo, deve estabelecer um quadro preciso do mesmo, nos traços de memória de suas percepções e, por meio do exercício da prova da realidade, deve excluir tudo o que, no quadro do mundo externo, origina aumento de excitação interna. O ego – sob a pressão do id – controla os acessos à motricidade. Assim, entre uma necessidade e uma função, interpõe-se uma postergação sob a forma de uma atividade de pensamento (Freud, 1933).

Tratando-se do processo analítico, eu diria que ao ego corresponde o próprio analista, o qual se interpõe entre as necessidades do paciente e as funções de pensar desempenhadas pelo analista, fato que cria a condição básica exigida pela técnica analítica.

A função principal de pensar, no processo analítico, é, pois, a de proporcionar interpretações ao analista e assim assegurar que o processo analítico siga seu curso. Deste modo, entre a escuta e a interpretação, o analista pensa o pensamento do paciente, seja de forma passiva, ao utilizar a atenção flutuante e assim captar as sutilezas da comunicação inconsciente/inconsciente, seja de forma ativa, construindo uma determinada interpretação, a qual, em seu devido *timing*, é o resultado do que o analista havia testado consigo mesmo sobre suas hipóteses compreensivas. O pensar está sempre presente na relação analítica, de parte do analista, como uma forma de desencadear o processo analítico e o desenvolvimento do mesmo através das interpretações.

O analista está sempre pensando sobre o que o paciente está dizendo, sobre o que o paciente não está dizendo, sobre sua história, sobre o que o paciente está sentindo, assim como sobre o que ele próprio, analista, está sentindo, além de pensar sobre seus próprios pensamentos. E quando o analista não pensa, ele atua, pois não está utilizando uma etapa intermediária, senão experimental, entre as demandas do paciente e a resposta do analista. Por sua vez, o paciente somente poderá obter mudanças em seu funcionamento psíquico e em sua conduta se, de fato, pensar sobre as interpretações do analista.



Sem processo tem-se retrocesso

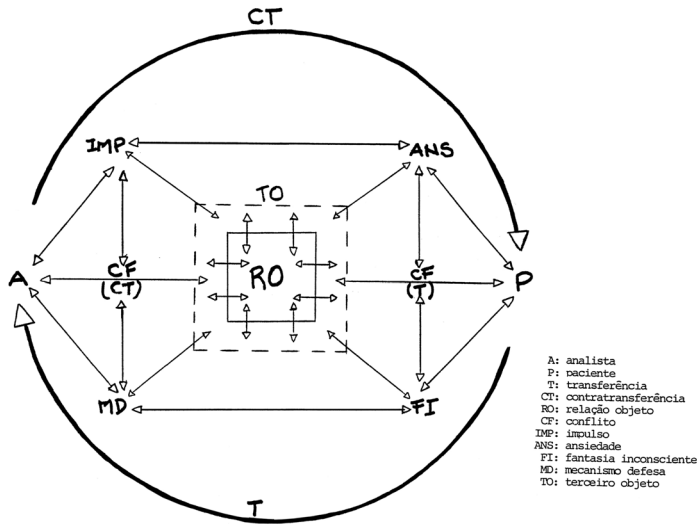
Define-se processo como a tarefa analítica desenvolvida através do tempo. Assim, vê-se que esse conceito – além de implicar uma condição dinâmica, assegurada pelas interpretações – possui uma característica evolutiva, dada a relação com o transcurso do tempo. Pode ocorrer que o analista organize o *setting* e estabeleça uma situação analítica, ao dar todas as regras inerentes à análise. Porém isso não significa que ele terá a garantia de estar (com o paciente) dentro de um verdadeiro processo analítico.

Na realidade, o processo é consequência da estratégia e das diversas táticas de abordagem adotadas pelo analista, ao pensar cada caso dentro de uma compreensão metapsicológica a respeito dos conflitos do paciente reativados na transferência. Quer dizer, quando o analista formula uma interpretação, o faz dentro de um contexto estrutural, econômico e dinâmico (assim como adaptativo e genético, se quisermos completar todos os pontos de vista metapsicológicos), que serve somente para aquele paciente e para aquele momento da análise. Quando isso não sucede, em lugar de termos um processo, teremos um retrocesso e, na continuação, um impasse.

Claro é que cada analista concebe tal compreensão de acordo com suas preferências escolásticas, assim como suas interpretações dependem de seu estilo pessoal. Entretanto, em minha opinião, todas as análises exitosas são produto de terem contado com um verdadeiro processo analítico, ditado pelo pensar do analista como função especial e que faz com que a análise seja uma investitura sequente, esclarecedora e progressiva e não um fracasso de comunicação e de resultados. É também bastante claro que bons resultados dependem da capacidade do paciente de identificar-se com a função analítica e, deste modo, utilizar seu ego para pensar sobre as interpretações ouvidas no transcurso do processo.

Como penso o processo analítico

O diagrama abaixo sintetiza e explica graficamente minha forma de conceber e trabalhar analiticamente o processo analítico:



No centro do diagrama encontra-se aquilo que é a chave da minha compreensão: a relação de objeto. Digo que é a chave porque, em geral, é de onde parto para entender o material e buscar a interpretação mais adequada para cada momento da sessão.

Quanto à relação de objeto, é importante destacar trabalhos anteriores (Mabilde, 1989, 1993, 1996, 1999, 2003), nos quais estudei a evolução do conceito de relação de objeto em psicanálise, os quais darão ao leitor uma idéia geral sobre meu esquema final, no que se refere à *origem* da teoria de relação de objeto utilizada, a *quem* ela se refere e qual o seu *conceito*, assim como suas implicações *técnicas*. Restrinjo-me, a seguir, aos autores mais pertinentes ao presente trabalho

Comecei por Freud (1905, 1911, 1914, 1915, 1917) para salientar que a relação de objeto tem sua raiz na concepção freudiana de pulsão (a pulsão busca o objeto para a sua satisfação) sendo parte inerente da teoria instintiva. Tal concepção não deixou de levantar objeções, que podem ser resumidas através da indagação de Fairbairn (1952): estará a libido à procura do prazer ou do objeto? Para Freud, não há dúvidas de que a libido está orientada para resolver a tensão através da descarga (prazer), o que não significa que a noção de relação de objeto seja estranha ao seu pensamento, como é possível depreender da noção de objeto enquanto especificado na história do sujeito, de tal modo que só um objeto determinado está apto a proporcionar a satisfação. Pulsão, portanto, tornou-se conhecida na direção de algum objeto, o que condiciona todo conhecimento psicanalítico às relações de objeto, e Freud não só não foi exceção como foi precursor dessa idéia.





O próprio complexo de Édipo é parte de uma teoria de relação de objeto, assim como foi dentro dessa perspectiva que, em *Luto e Melancolia*, Freud (1917) descobriu algo novo: o objeto interno. Não é de estranhar que este trabalho seja um dos mais lidos e citados por M. Klein e seus discípulos.

Uma concepção como de M. Klein (1930, 1932, 1933, 1935, 1946, 1952, 1955, 1957) reforça a significação de que relação, da expressão relação de objeto, deve ser tomada como inter-relação, isto é, não só a forma como o sujeito constitui os seus objetos, mas também como estes modelam a atividade do sujeito. Sob sua pena, relação de objeto é o resultado total de uma determinada organização da personalidade, de uma apreensão mais ou menos fantasiosa dos objetos e de certos tipos privilegiados de defesa. Para ela – ao contrário de Freud – no nascimento já existe ego suficiente para o bebê sentir ansiedade, usar mecanismos de defesa e estabelecer relações de objeto primitivas. Como se constata, a mudança de ênfase, da pulsão para o objeto, é crucial no esquema referencial de Klein. Como tal, ela descobriu uma grande variedade de objetos introjetados, bem como permitiu uma extraordinária contribuição à questão da transferência e da contratransferência, já que as relações de objeto emergem dinamicamente na transferência, e a contratransferência pode ser usada como instrumento técnico.

O pensamento de W. Fairbairn (1952) foi influenciado de maneira notável pelos conceitos de M. Klein (algo similar também ocorreu ao inverso) sobre a decisiva importância dos objetos internos, e, com essa base, foi possível compreender de forma mais ampla as relações de objeto do indivíduo. Suas proposições levam a uma formulação explícita de uma teoria de relações de objeto da personalidade, livrando sua narrativa das inter-relações entre o indivíduo e a psicologia da pulsão como um todo. Para ele, a libido busca o objeto e não o prazer, razão pela qual a integridade dinâmica do ser humano depende de que se mantenham boas relações com os objetos. Nesse sentido, as cruciais dissociações do ego, estudadas – por ele – em pacientes esquizóides, têm sua origem em más relações de objeto na vida real.

Bion (1962), através de sua concepção das “configurações vinculares”, dá também um passo importante na direção de aplicar uma técnica que leve em conta não só as produções separadas de um e de outro da relação analítica, mas igualmente aquilo que é próprio do vínculo formado pelos dois, de acordo com certas configurações específicas. A intersubjetividade é, então, tomada como o único caminho de aproximação com a realidade psíquica, perdendo, esta última, a condição factual-causal e adquirindo a configuração de uma construção que só possui significado dentro da relação analista-analisando (dialética continente-conteúdo).



Da mesma forma, levo em conta os trabalhos dos Baranger (1961, 1964, 1992) sobre “campo analítico”, na medida em que os mesmos conseguiram demonstrar a íntima conexão entre relações de objeto e sua expressão dinâmica dentro da análise terapêutica, isto é, que as mesmas não se dão no analista ou no paciente, mas sim entre eles, no “campo”, por meio de uma fantasia inconsciente criada pelos dois no “campo”, o que, entre outras coisas, inaugura o estudo profundo da intersubjetividade como parte essencial do entendimento da relação analítica, bem como de uma nova técnica analítica que a leve em consideração.

É nesse ponto que a extraordinária contribuição de Ogden (1994, 1996) tem seu lugar no esquema apresentado. Trata-se, a meu ver, “da explicação mais acabada da intersubjetividade como novo paradigma” (Mabilde, 2003, p.302) e pode ser encontrada em seu conceito de “terceiro analítico intersubjetivo” e de sua “dialética da intersubjetividade”. O terceiro analítico é uma criação do analista e do analisando, ao mesmo tempo em que ambos são criados pelo terceiro analítico. Como se vê, a experiência do analista *no e do* terceiro analítico é utilizada como veículo para a compreensão das experiências conscientes e inconscientes do analisando. Nesse sentido, esse conceito dá à estrutura de idéias a exata interdependência entre sujeito-objeto, entre transferência-contratransferência, a qual auxilia o analista a entender fatos clínicos intersubjetivos com que se depara, tais como divagações, sensações corporais ou qualquer outro objeto analítico intersubjetivamente gerados pelo par analítico.

Retornando à técnica, busco identificar, de saída, no material, qual ou quais personagens me representam e qual ou quais representam o paciente. Interessantemente, particularmente, nas associações do paciente, as referências indiretas, simbólicas, à minha pessoa, assim como às do paciente. Com bastante atenção, por um lado, observo as mudanças das associações e personagens, a fim de ratificar ou não minha hipótese inicial sobre qual relação de objeto está sendo repetida comigo na transferência. Sem atenção (ou com atenção flutuante), por outro lado, deixo-me invadir por representações objetais e sentimentos contratransferenciais, os quais ajudam-me a identificar melhor e corroborar ou não meu entendimento sobre a relação objetual dominante no campo. Nesse sentido, é-me importante perceber qual fantasia vai se configurando pela soma da subjetividade do paciente (subentendida no que pensa, diz ou imagina) e do analista (contida em pensamentos ou fantasias consideradas como próprias de sua vida pessoal), tal como se o analista estivesse perante não só um (paciente) ou dois (analista) objetos, mas um terceiro objeto.

O que visio com essa técnica de pensar o processo analítico é possuir um meio de me situar dentro do processo, a cada sessão, desde seu começo. Significa,



portanto, que tenho um guia, junto ao qual vou identificando criteriosamente as configurações objetais e outros elementos constituintes de toda ação psíquica (como mostra o gráfico): as fantasias, as defesas, as ansiedades e principalmente o conflito predominante envolvido na relação de objeto em ação.

Deixando mais claro, primeiro busco compreender que transferência está ocorrendo na sessão a partir dos personagens – contidos no material – que me representam e ao paciente. A partir daí tenho todas as condições para discernir que tipo de transferência é essa (paterna, materna, fraterna), qual a espécie de conflito subjacente (dependente, castratório, competitivo), qual o impulso deflagrado (agressivo, sexual), quais as defesas presentes (repressão, negação, isolamento), qual a ansiedade vigente (persecutória, depressiva) e a fantasia do campo.

Muitas vezes – é claro – torna-se necessário considerar mais de uma associação, mais de um grupo de personagens, mais de uma situação relatada para que todos esses elementos sejam devidamente identificados. Ademais, essa é exatamente a dupla vantagem dessa técnica: por um lado, sempre possui a estrutura necessária para configurar uma hipótese de trabalho; por outro, sempre é possível retificá-la, dependendo dos diversos personagens e situações que se seguem à hipótese.

Essa verdadeira armação mental toma, a cada momento, certa direção, plasticidade e espaço dentro do campo analítico, induzido por uma fantasia inconsciente pertinente à relação de objeto vigente.

Vendo no extrato clínico como a coisa funciona

Depois de um prolongado silêncio, uma paciente começa a falar em sua terceira sessão da semana (quarta-feira):

“Sigo igual, nada melhor do que ontem!”

Em sua primeira sessão da semana (segunda-feira), esta paciente trouxe o seguinte sonho:

“Tu me chamaste pelo celular e dizias que não era possível nos encontrarmos dessa maneira, somente em dias marcados e com limitação de tempo. Eu, por minha vez, não podia falar à vontade, pois, em frente a mim, encontrava-se uma amiga e eu me limitava a te dizer: sim, não, está bem, depois falamos ... E tu insistias, desconforme com a situação”.



Ora, ficava bem claro, apesar da tentativa de inverter a situação, a desconformidade da paciente pelo fim de semana e pelas regras da análise, e isso é o que lhe foi interpretado.

Na sessão seguinte (terça-feira), a paciente basicamente fala de um plano de passar três meses no exterior para estudar. Discute prós e contras sobre isso, durante toda a sessão. Em um determinado momento da sessão, digo-lhe que a ideia da viagem continha, de um lado, a realização de um sonho antigo e, por outro lado, de forma reativa, a realização atual de um outro desejo, relacionado a mim: ela é que me abandonaria. E assim terminou a sessão.

Voltando na sessão de quarta-feira, a paciente segue falando:

“Em realidade, não quero falar e sim ficar tranquila (silêncio). Afinal, de que serviria falar? Bem, porém, de que serviria não falar? (contrariada)”.

Eu, então, digo-lhe: – “To be or not to be”.

“Na verdade, não quero falar de ontem, porém é fato que saí daqui com algo que não me caiu bem (silêncio). Mas, falando de outra coisa, hoje, ao sair do meu edifício, aconteceu, de novo, um problema com minha vizinha, ou melhor, com a cachorra dela, a qual não está adestrada por um profissional, ainda que eu mesma já recomendei um para ela. Então, aconteceu de novo: a cachorra nos atacou quando saímos do elevador, eu, a minha filha e o noivo dela, que foi quem a cachorra agarrou pela perna. É um absurdo, pois a cachorra deveria estar presa, atada. Solta, ela vai fazer sempre o mesmo. Disse isso a ela, queixei-me, refazendo a recomendação. Minha filha ficou ofendidíssima e eu fiquei furiosa. Ela aceitou que deveria atar a cachorra e prometeu mandar adestrá-la”.

Penso:

Parece que a paciente está representada pelas três fêmeas da cena: sua filha, que é a sua parte ofendida por mim; a vizinha, que quer dominar a sua agressão contra mim, e a cachorra, que é a sua parte agressiva. Eu estou representado pelo noivo de sua filha (recordo do sonho da paciente em que eu atuava como se fora seu noivo). Penso, também, que a cena relatada – ocorrida ao sair do elevador – representava a “coisa ruim” que senti ao sair do meu consultório.

Resolvo aguardar nova associação para confirmar essas hipóteses, pois fiquei com uma pequena dúvida se a cachorra não poderia estar me representando e ao fato de a paciente ter se sentida atacada pela minha interpretação. Segue a paciente:



“Outra coisa que me aconteceu foi ter me encontrado com minha irmã, ontem, e ter conversado com ela aqueles assuntos escabrosos da empresa. Eu não queria dizer o que eu sabia sobre o assunto. Para quê? Para que, depois, as coisas fiquem aumentadas? Porém, claro, tudo isso acaba chegando até a mim, como pude constatar, ao falar com meu irmão, sobre as brigas entre irmãos e das atitudes do pai, o qual, simplesmente não se importa com os demais, nem com os filhos. Ele faz o que quer e pronto. Diz o que quer e nada mais. Nesse momento, pareceu-me melhor não dizer o que pensava, pois é pior. Ainda assim, meu irmão ficou incomodado e eu também, fiquei (chora) com muita raiva...”

Com esse material, confirmo que o impulso agressivo – a cachorra braba – pertence à paciente e ela não quer que eu – representado por sua irmã ou irmão – tome conhecimento do mesmo (assunto escabroso), bem como por seu receio que ocorram brigas entre nós. Percebo, também, estar representado por seu pai:...”O problema comigo tem a ver com o fato que digo o que quero e pronto”.

Era a hora de lhe interpretar, então lhe disse:

“Creio que não queres falar de tua contrariedade comigo para não me “soltares os cachorros”, brigar!”

“E serve para algo?” (diz a paciente).

Agrego:

“E serviria para algo eu dizer que não gostaste da forma como abordei a ideia da tua viagem? Pareci-te muito técnico, falei e está falado!”

“É verdade, só faltou dizer: o problema é teu (começa a se irritar). Quer dizer, a mim me importa falar da viagem, a ti não te interessa... Quer dizer, é algo meu, falo, venho e me interessa se vou ou não viajar... Claro que dá raiva... Quer dizer, o que aconteceria se eu não viesse mais aqui? NADA, não é assim? NADA, então para que vir?”

Como se pode constatar, o material confirma totalmente as hipóteses relativas aos personagens representativos da transferência e, através disso, permite identificar os demais elementos do gráfico: tipo do conflito (dependência ao objeto), ansiedade (persecutória), impulso (agressivo), mecanismos de defesa (dissociação, projeção,



identificação projetiva), terceiro intersubjetivo (a cena do elevador), transferência (paterna), etc.

Comentários finais

A função de pensar, no processo analítico, é a forma básica de o analista obter *insight* sobre o próprio processo. Concomitantemente com os sentimentos contratransferenciais, a contínua atividade de pensar do analista é o que organiza os diversos dados e elementos psíquicos disponíveis no campo analítico, no sentido de esclarecer as demandas transferenciais, as quais, uma vez interpretadas, qualificam o paciente para igualmente entendê-las.

Deste modo, a atividade de pensar não somente elucida o que ocorre no processo analítico, como também provê as devidas condições para desenvolvê-lo, devido aos sucessivos re-investimentos no mesmo, proporcionados pelo fenômeno *insight*-interpretação-*insight*. □

Abstract

The function of thought in the psychoanalytic process: technical considerations about listening, understanding and interpretation in analysis

In this study, the author presents his version of thought in the psychoanalytical process. For this it is necessary a diagram and clinical material. Together these items show this technique, in which among other details, the identification of object relations at each tranferential moment of analytical session provides the analyst with an important tool.

Keywords: Analytic process. Analytical technique. Analytical clinic.

Resumen

La función del pensar en el proceso analítico: las consideraciones técnicas sobre la escucha, la comprensión y la interpretación en el análisis

En este trabajo, el autor presenta su forma personal de pensar el proceso analítico. Para tanto, se vale de un diagrama propio y de material clínico. Estos ítems, juntos, muestran esa técnica, en la cual, entre otros detalles, la identificación de las



relaciones objetales, cada momento transferencial de la sesión analítica, asume predicados operativos.

Palabras llave: Proceso analítico. Técnica analítica. Clínica analítica.

Referências

- BARANGER, W.; BARANGER, M. (1961). La situación analítica como campo dinámico. In: *Problemas del campo psicoanalítico*. Buenos Aires: Kargieman, 1969, p. 129-164.
- _____. (1964). El insight en la situación analítica. In: *Problemas del campo analítico*. Buenos Aires: Kargieman, 1969, p. 165-177.
- BARANGER, M. (1992). La mente del analista: de la escucha a la interpretación. *Revista de Psicoanálisis*, XLIX, n° 2, 1992.
- BION, W. (1962). *Aprendiendo de la experiencia*. Buenos Aires: Paidós, 1980.
- FAIRBAIRN, W. R. D. (1952). *Estudio psicoanalítico de la personalidad*. Buenos Aires: Hormé, 1975.
- FREUD, S. (1895). Projeto para uma psicologia científica. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1972, v. 1.
- _____. (1895^a). Estudos sobre a histeria. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1972, v. 2.
- _____. (1900). A interpretação dos sonhos. In: _____. *Edição brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1972, v. 4.
- _____. (1905). Chistes e sua relação com o inconsciente. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1972, v. 8.
- _____. (1911). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1972, v. 12.
- _____. (1914). Recordar, repetir, elaborar. In: _____. *Edição brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1972, v. 12.
- _____. (1923). O ego e o id. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1972, v. 18.
- _____. (1933). Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1972, v. 22.
- KLEIN, M. (1930). A importância da formação dos símbolos no desenvolvimento do ego. In: *Contribuições à Psicanálise*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- _____. (1932). El Psicoanálisis de niños. In: *Obras completas de M. Klein*. Buenos Aires: Paidós, 1977, v. 1.
- _____. (1933). O desenvolvimento inicial da consciência da criança. In: *Contribuições à Psicanálise*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- _____. (1935). Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos. In: *Contribuições à Psicanálise*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- _____. (1946). Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In: *Obras Completas de M. Klein*. Buenos Aires: Paidós, 1977, v. 3.



Luiz Carlos Mabilde

_____. (1952). Algunas conclusiones teóricas sobre la vida emocional del bebé. In: *Obras completas de M. Klein*. Buenos Aires: Paidós, 1977, v. 3.

_____. (1955). Sobre la identificación. In: *Obras completas de M. Klein*. Buenos Aires: Paidós, 1977, v. 4.

_____. (1957). Envidia y gratitud. In: *Obras completas de M. Klein*. Buenos Aires: Paidós, 1977, v. 6.

MABILDE, L. C. (1989). Conceito de relação de objeto em Psicanálise: estudo teórico-evolutivo. Trabalho apresentado na Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. Agosto de 1989.

_____. (1993). Conceito de relação de objeto em Psicanálise: as perspectivas de Freud e M. Klein. *Rev. Psic. SPPA*, v. 1, nº 1, 1993, p. 53-71.

_____. (1996). O campo analítico. *Rev. Psiq. RS*, 18-2, 1993, p.234-237.

_____. (1999). O campo analítico. *Rev. Bras. Psicoterapia*, v.1, 1999, p. 99-104.

_____. (2003). A Psicanálise pode não ser intersubjetiva? *Rev. Brás. Psicanálise*. V. 37, nº 2 e 3, 2003, p.299-310.

OGDEN, T. H. (1994). *O terceiro analítico: trabalhando com os fatos clínicos*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. (1996). *Os sujeitos da Psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

Recebido em 17/03/2008

Aceito em 24/03/2009

Luiz Carlos Mabilde

Rua Tobias da Silva, 99/303

90570-020 – Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: mabilde@terra.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA